

Vol. 17 - Nº 3 - Setembro a Dezembro (2025)

Concluimos com este fascículo, (volume 17, número 3), nossa tarefa editorial do ano de 2025, reafirmando nossa adesão à divulgação científica em ACESSO ABERTO. Concebemos a Ciência como um bem comum. Permanecemos otimistas em relação às práticas de afirmação da democracia do conhecimento.

Destacamos a diversidade de origem dos autores brasileiros, que atuam em universidades de vários estados da federação brasileira: Amazonas, Paraná, Santa Catarina, Brasília (Capital Federal), Minas Gerais e Rio de Janeiro. Temos o cuidado na seleção de artigos resultantes de pesquisas acadêmicas. Os temas deste fascículo são atualíssimos e engajados na busca de respostas para a realidade do tempo presente, como pode ser visto no Sumário da primeira página do site de *Passagens*.

Adentramos ao último quartel de um ano extremamente difícil para as sociedades contemporâneas do ponto de vista internacional e regional. Grandes mudanças institucionais e novo arranjo no equilíbrio de poder político entre os países, com a emergência substantiva de uma nova força política advinda de países que estavam há tempos sob dominação imperialista, EUA e Europa. O bloco dos BRICS⁺, que ganhou o símbolo da adição (+), tendo em vista a célere adesão de vários países aos princípios e deliberações de trocas comerciais multilaterais.

Como um dos atores mais importantes dos BRICS⁺, o Brasil está atuando há alguns anos em todos os momentos decisivos do processo de construção social e político de uma nova ordem internacional nas relações entre os países que já praticavam o multilateralismo no Sul Global, e que, no entanto, se tornou notado na administração de Donald Trump pelo governo dos EUA.

Na Conferência Anual da ONU de 2025 alguns impasses foram colocados em pratos limpos, como dizemos em linguagem coloquial entre brasileiros.

Passagens tem recepcionado autores da Ásia e da África (Índia, Vietnã, Irã e Moçambique), e neste fascículo contamos com um artigo de professores e pesquisadores do Uzbequistão. “Implementação de abordagens pedagógicas baseadas em pesquisa no ensino superior uzbeque: estratégias para institucionalização e adoção sustentável” é o título do artigo resultado de pesquisa coletiva liderada por Asranbayeva Munojatxon Xalimjanovna, professora associada da *Namangan State Pedagogical Institute*. Os autores



utilizam uma abordagem qualitativa de estudo de múltiplos casos para construir uma estratégia para a institucionalização sustentável de práticas pedagógicas baseadas em pesquisa no sistema de ensino superior do Uzbequistão. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com 40 participantes (docentes, administradores educacionais e formuladores de políticas locais) e da análise de documentos políticos e institucionais de quatro universidades da amostra.

De pesquisadores e professores de universidade indianas, estamos publicando dois artigos: “The legality of smart contract through the lens of Indian Contract Act”, de autoria do professor Rahul J. Nikam, da *School of Law, Sharda University*, que já submeteu outras contribuições importantes para nosso periódico. Professor Rahul J. Nikam tem forte inserção no campo acadêmico indiano, com atuação como professor também na *Faculty of Law, Marwadi University*, Rajkot, Gujarat, Índia. O segundo texto é de autoria de Hifajatali Sayyed, professor da *School of Law, Maharashtra National Law University*, Chhatrapati Sambhajnagar, também na Índia, que nos brinda com o artigo “Human Rights and the rehabilitative purpose of punishment: a critical legal perspective”. Duas contribuições importantes para nós, cujas informações são relevantes para a aproximação entre Índia e o campo acadêmico brasileiro e latino-americano.

A propósito, informamos aos leitores de *Passagens* que seus editores atuam na internacionalização e afirmação da constituição do bloco dos países da América do Sul, como também da América Latina; tal como uma grande parte da intelectualidade brasileira do campo das ciências humanas e sociais. Gisálio Cerqueira Filho já presidiu o FoMerco (Fórum Universitário do Mercosul).

Portanto, que possamos continuar atuando na internacionalização cada vez mais diversificada da produção acadêmica entre países do Oriente, sem excluir a importante e já bastante presente entre nós da contribuição do mundo ibero-americano, europeu e norte-americano. Atuamos para incluir e não isolar ou excluir..

Diante da projeção internacional do Brasil, através de seu presidente, Lula da Silva, especialmente em sua atuação recente na presidência dos BRICS+, anotamos afirmativas vindas das mídias dos EUA e da Europa (quase como uma acusação) de que o Brasil não é mais um país ocidental. Colocamos em dúvida esta afirmativa por dois motivos: será que em algum momento fomos uma país totalmente “ocidental”, levando em conta as populações originárias e a fortíssima migração compulsória praticada por mais de 3 séculos de escravizados africanos?

Sobre a questão de nosso *orientalismo*, melhor dar voz ao decano da diplomacia brasileira, bastante elogiada pelo seu preparo intelectual e profissional: o diplomata Celso Amorim, “Nem Ocidente, nem Oriente; Sul Global”:

“O Brasil tem muitos valores ocidentais e também tem uma cultura que se deve aos indígenas, aos africanos, aos imigrantes dos mais variados países, como os japoneses. Então, eu acho que o Brasil tem essa mescla que torna o país extremamente atraente. Eu acabei de ler agora um livro do Stefan Zweig, “O tempo em que eu vivi”, tem um capítulo em que o escritor fala sobre como nosso país é aberto a novas experiências, novas culturas, sem criar as dificuldades e as rivalidades que na época do autor existiam na Europa. Então, o Brasil acima de tudo é um país que quer defender sua posição e a dos países em desenvolvimento sem agressões, sem militarismo. E nós tivemos, por exemplo, acordos importantes com os Estados Unidos na área de trabalho e começamos a fazer na área de energia, por outro lado, temos um enorme número de projetos com a China. Não são muitos países que têm essa capacidade de diálogo, haverá alguns, mas não muitos. Como é que se pode dizer que o Brasil é contra o ocidente se acabamos de concluir um acordo na área econômica com a União Europeia? Não tem cabimento. Agora, ter uma subordinação a um determinado país líder isso nós não queremos. Nem Ocidente, nem Oriente, Sul Global (é o que defendemos)”.¹

Por fim, recordamos a publicação no fascículo anterior de *Passagens* (Vol. 17, 2, maio/agosto de 2025) da resenha de texto publicado por Gisálio Cerqueira Filho em 1988 (!) intitulado “Em busca do oriente perdido revisitado”, onde esta problemática já encontrava guarida em nossa prática intelectual.

Vale aqui recordar a epígrafe destacada de um livro de Alejo Carpentier, que consta deste texto:

Conhecia... o sáurio, lagartixa que, quando está velha e ficam cegos os seus olhos, entra no buraco de uma parede que dá para o Oriente ao sair do sol, olha para ela, se esforça para ver e... recobra a vista (in *A harpa e a sombra*; Alejo Carpentier, Bertrand do Brasil, Rio de Janeiro, 1987).

Gizlene Neder (Editora)

¹ Boletim da Rádio BRICS Brasil #06 - “Nem Ocidente, nem Oriente, Sul Global”, afirma Celso Amorim sobre o BRICS, publicado em 25 de fevereiro de 2025.